

Para continuar a leitura recomendo a compra do ebook Carlos Marichal, *Nova História das grandes crises financeiras, 1873-2008*, no [Fundação Getúlio Vargas](#), [Rio de Janeiro, 2016].

Capítulo 2

O colapso financeiro de 1929: Por que houve uma grande depressão nos anos 30?

Um dos dons mais apreciados pelos seres humanos seria a possibilidade de prever o futuro. Sem embargo, se a predição é pessimista, de imediato acusa-se o visionário de ser uma Cassandra. Assim ocorreu a John Maynard Keynes quando publicou seu ensaio *Consequências da Paz* (1919), que logo se tornaria um clássico. Ali augurou ele alguns dos problemas mais urgentes que haveriam de contribuir para a derrocada financeira de 1929 e que seriam o começo da Grande Depressão dos anos 30. Na qualidade de membro da delegação britânica, Keynes assistiu à Conferência de Versalhes de 1919, reunião na qual as principais potências discutiram de que maneira planejavam reorganizar a Europa do pós-guerra e, em particular, como obrigariam a Alemanha a pagar reparações aos aliados vitoriosos. No entanto, o grande economista inglês resolveu retirar-se antes do final das discussões, já que considerava que os acordos abriam um caminho minado e que a Europa se dirigia para um futuro desastre político e financeiro. Não lhe faltava razão.

Neste capítulo trataremos de explicar porque se produziu uma das maiores e mais profundas crises do capitalismo. O número de livros, arquivos e películas documentais sobre a Grande Depressão é legendário e as interpretações, diversas. Não há dúvida de que, com exceção das guerras mundiais, se considera que esse evento foi a maior convulsão econômica do século XX. Essa gravíssima e prolongada crise teve como epicentros Europa e Estados Unidos, porém afetou de igual forma o resto do mundo. Tratouse de um colapso global, embora seja importante ter em conta que se compôs de várias etapas e que teve diferentes efeitos em cada país.

Dentro da vasta literatura que discute as causas da Grande Depressão, existe consenso de que o legado da Primeira Guerra Mundial foi seu antecedente fundamental, já que gerou fortíssimas contradições políticas na Europa durante a década de 20, que impediram alcançar um novo equilíbrio. A política e as finanças entrelaçaram-se de tal maneira que criaram uma sequência de nós górdios quase inextricáveis. Isso se explica, em parte, pela complexidade das tensões e das lutas sociais que aconteceram nesse período. A derrocada de velhos impérios, como o austro-húngaro e o otomano, provocou um processo de fragmentação política que resultou em conflitos interétnicos. Em outros casos, como o da Rússia, ocorreu uma profunda revolução, que acabou com o antigo regime. Por sua vez, nos países da Europa Ocidental, as novas práticas de sufrágio universal e as crescentes mobilizações sindicais contribuíram para complicar a vida política e parlamentar. Tudo isso dificultou a coordenação de medidas para tentar resolver os graves problemas econômicos e monetários próprios do pós-guerra. Apesar de numerosos

esforços por lograr uma efetiva cooperação internacional, essa possibilidade foi afastada pela atuação de políticos nacionalistas, que acentuou as tensões. As contradições da diplomacia dos Estados Unidos entorpeceram a saída do impasse europeu. E a isso se juntou a fatal ilusão de que o retorno ao padrão ouro permitiria um regresso à prosperidade pré-bélica.

Nas páginas que se seguem, repassaremos algumas das hipóteses propostas por economistas e historiadores para explicar os aspectos financeiros e monetários que foram os antecedentes fundamentais do desencadeamento da crise mundial de 1929.